CAPITALISMO, REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

EDVAN GONÇALVES GOMES, THIAGO CHAGAS OLIVEIRA

O principal objetivo deste trabalho é discutir, de modo preliminar e exploratório, as relações entre capitalismo contemporâneo, reestruturação produtiva e formação de professores. O trabalho, de cunho eminentemente teórico, foi realizado mediante pesquisa bibliográfica realizada na disciplina de Fundamentos Econômicos da Educação, do curso de Pedagogia da URCA. As referências foram as seguintes: TONET (2012); FREITAS (1992); Carvalho (1987); Gamble (1988); Bergquist (1990). Segundo Freitas (1992), a formação de professores deve ser pensada de forma contextualizada. Nesse sentido, é importante interpretar os movimentos do capital internacional e suas conseqüências para o capitalismo brasileiro, mormente no que diz respeito à formação do educador. Compreender a formação docente no presente é condição básica para enfrentar as adversidades e contingências postas à educação brasileira. No padrão antigo de produção (taylorismo-fordismo), a educação exercia um papel periférico, na medida em que o(a) trabalhador(a) era preparado no próprio lócus de trabalho, ou seja, sem a necessidade de grandes conhecimentos técnicos e/ou habilidades especiais. Nesse período, o trabalhador(a) era rapidamente substituído por outro, o que gerava um processo de barateamento da mão de obra. Com a reestruturação produtiva, consequência da crise capitalista advinda em meados da década de 1970, o capital passa a demandar um trabalhador de novo tipo. Dentre outras consequências importantes para a educação, tem-se a necessidade de elevação da escolarização e qualificação da força de trabalho. A questão é: como aumentar o nível de escolarização e, ao mesmo tempo, continuar reproduzindo a exploração capitalista? Sabe-se que o aumento da escolaridade sempre foi uma batalha das forças progressistas. Ecoa contraditório, portanto, que essa demanda venha do próprio capital. O aumento da escolarização, paradoxalmente, é uma demanda do próprio capital: produzir mais, melhor e em menos tempo. Não se trata da formação omnilateral preconizada por Marx, mas de um adestramento estreito para o mercado de trabalho. A formação de professores é fortemente afetada por essas transformações. Em sintonia com as exigências do capital, a formação de professores passa a ser mercantilizada, aligeirada, precarizada, pragmática e neotecnicista.

PALAVRAS-CHAVE: CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA. FORMAÇÃO DOCENTE.

ÀREA TEMÀTICA: EDUCAÇÃO E TRABALHO NA FORMAÇÃO DOCENTE: IDEOLOGIAS, CONDIÇÕES DE TRABALHO, PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E MAL-ESTAR DOCENTE

FORMA DE APRESENTAÇÃO: PÔSTER